

**Disciplina: Prática de Pesquisa em Psicologia Social**

**Professora: Beatriz Cicala**

**Participantes**

Aline de Castilho – 2223101338

Beatriz Braga Soares – 2223105329

Dayane de Assis Ferreira – 2222104501

Gabrielly Rodrigues da Silva – 2223106158

Grazielle Vitória Oliveira Nascimento – 2223100983

Isabella Urias Fogli – 2223100352

Kathelin Demétrio dos Santos – 2223100428

Lisandra Oliveira Nunes – 2223102671

Lucas Alves dos Reis – 2223104809

Natália Nunes de Assis – 2223109375

Sabrina dos Santos Sousa – 2223104543

Shirley Andrade Santana – 2223108458

Stephany Belisária de Carvalho – 2223101386

**SEMINÁRIO**

**TÍTULO DA PESQUISA ESCOLHIDA:**

**Título da Pesquisa:** Posicionamentos e Controvérsias no Movimento Hip Hop

**Autoras:** Jaileila Araújo Menezes; Mônica Rodrigues Costa

**Data da Publicação:** Junho de 2013

**Instituição:** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Fonte:** Artigo acadêmico sobre Juventude e Política, publicado no ano de 2013

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/xZcGwP3MbfsjFRgPCKczXLJ/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 15 out. 2025.

**Tipo de Publicação:** Artigo científico

## **RESUMO**

A pesquisa revelou que o movimento hip-hop em Recife apresenta uma organização heterogênea, composta por associações que dialogam com o poder público, redes autônomas e crews de base comunitária, refletindo diferentes posicionamentos políticos e culturais. Os jovens envolvidos, majoritariamente periféricos e afrodescendentes, utilizam o hip-hop como espaço de resistência, construção identitária e crítica social. Foram identificados três principais conflitos: a exclusão da juventude pobre na sociedade de consumo, a tensão com a mídia e indústria cultural, e o enfrentamento ao racismo. A participação no movimento promove transformações subjetivas importantes, como empoderamento, fortalecimento da autoestima e desenvolvimento de uma consciência crítica. Redes de apoio social e comunitário também se mostraram essenciais para o engajamento dos jovens. Apesar de seu potencial transformador, o movimento enfrenta desafios como a fragmentação interna, a dificuldade de manutenção de projetos políticos duradouros e o risco de esvaziamento de seus princípios pela indústria cultural. Ainda assim, o hip-hop se mostra um potente espaço de cidadania, pertencimento e expressão das juventudes periféricas.

## **TEMA**

Esta análise tem como base uma pesquisa etnográfica realizada na cidade de Recife, que investigou o movimento hip-hop enquanto um movimento social jovem. O estudo se insere no campo da Psicologia Social ao explorar como jovens, majoritariamente pobres, moradores da periferia e em situação de vulnerabilidade, constroem identidades coletivas, ressignificam suas subjetividades e se engajam em formas de ação política por meio da cultura local. A pesquisa recusa uma visão homogênea do movimento e destacando como um campo diverso e marcado por tensões internas e externas. O objetivo central foi evidenciar os conflitos sociais que o movimento instaura e as instabilidades que provoca na lógica social hegemônica.

A metodologia empregada foi a etnografia, escolhida por permitir uma imersão profunda e prolongada no campo de estudo. As pesquisadoras utilizaram técnicas como observação participante em eventos como shows de rap, mutirões de grafite, conversas informais, entrevistas semiestruturadas com 30 jovens e mapeamento dos grupos na cidade. A análise, pautada na análise de discurso, buscou compreender as tensões e os sistemas de significado presentes nas falas e práticas dos jovens.

Os resultados revelaram uma heterogeneidade organizativa no movimento, que convive com três formas principais. Uma Associação que busca o diálogo com o poder público, uma Rede horizontal e autônoma, avessa à política institucional; e as Crews, grupos de base que atuam como uma “família forjada” nas comunidades. Essa diversidade gera diferentes posicionamentos sobre a relação entre a cultura, política e mercado.

A pesquisa identificou três conflitos principais. A condição da juventude pobre no contexto de uma sociedade de consumo excluída, referindo-se a políticas ou medidas que impedem a participação de certos grupos, marcada pela violência e pela dificuldade de circulação na cidade; a tensão com a mídia e a indústria cultural, que oscila entre a busca por visibilidade e

o risco de esvaziar os princípios ético-políticos do movimento; a questão da afrodescendência, onde o hip-hop atua como um instrumento de empoderamento e enfrentamento ao racismo e as desigualdades.

A participação no movimento mostrou-se um fator importante de mudança subjetiva para os jovens, promovendo um processo de empoderamento e fortalecimento da capacidade de lidar com preconceitos através da arte como manifestação. A rede de relações sociais, familiares, amigos da comunidade e do movimento e o “elemento conhecimento” que oferece uma leitura crítica da realidade, foram apontados como fatores fundamentais para esse engajamento.

Conclui-se que o movimento hip-hop em Recife é um fenômeno psicossocial complexo, que funciona como um potente espaço de produção de identidade, pertencimento e crítica social para a juventude periférica. A pesquisa demonstra a capacidade do movimento de criar alternativas criativas e solidárias de participação e cidadania, antagonizando-se, em muitos aspectos, à lógica hegemônica do consumo e da política tradicional. No entanto, ele também navega em desafios constantes, como o risco da fragmentação, a dificuldade de sustentar um projeto político de longo prazo e a sedução da indústria cultural. O estudo evidencia a potência da etnografia para a Psicologia Social, permitindo uma compreensão rica e contextualizada das dinâmicas de luta, resistência e subjetivação que emergem dos territórios urbanos periféricos.

## **OBJETIVOS**

O objetivo dessa pesquisa é analisar um grupo de jovens periféricos da cidade do Recife que utiliza o hip-hop para mostrar sua arte em um movimento social, promovendo o empoderamento e o fortalecimento da capacidade de enfrentamento dos preconceitos por meio da arte. O estudo tem como propósito compreender de que maneira o movimento hip-hop revela e problematiza conflitos sociais e culturais, especialmente aqueles que envolvem a juventude das periferias, a relação com a mídia, a indústria cultural e as questões ligadas à afrodescendência. Além disso, busca compreender como o hip-hop atua como espaço de resistência, participação social e afirmação de identidades coletivas, promovendo a transformação social e valorizando as expressões culturais periféricas.

## METODOLOGIA

A etnologia é um modo de pesquisa qualitativa que busca entender de forma completa e aprofundada os fenômenos sociais e culturais que aparecem em comunidades a partir das vivências dos mesmos com um contato frequente, denso e de forma minuciosa em conjunto com aquela realidade, ou seja, leva em consideração sempre em fazer uma análise holística ou dialética de determinado grupo social preocupando-se em revelar as interações essenciais desenvolvendo a reflexividade da pesquisa para ambas as partes, assim devemos evitar o estudo de um fragmento da fala isolado, destacado do que esta significa para pessoa que falou e para as outras pessoas dentro do contexto.

Esse método apresenta quatro tipos de análise: de domínios; taxonômica; componencial e de temas. Se alia à alguns instrumentos que auxiliam a prática esse entendimento como: diários de campo, recenseamentos, entrevistas, gravadores, equipamentos de fotografia e/ou filmagem etc.

A estrutura de pesquisa dos domínios é formada por três identificações: Domínios populares, sendo uma descrição de linguagem acessível ao público; Domínios mistos que assim como seu nome diz, combina termos analíticos com palavras dos informantes; E o domínio analítico que é quando muitos dos significados culturais permanecem latentes. Além disso, os domínios são constituídos por três bases em sua estrutura: termos incluídos ou nomes para as categorias menores; termos cobertos ou nome para o domínio; relação semântica entre os termos inclui o termo cultural.

A partir da compreensão dos domínios entendemos a taxonomia que por sua vez tem a finalidade de conduzir uma análise demonstrando a organização interna de um domínio.

O terceiro nível de análise, a componencial, representa uma busca sistematizada de atributos ou componentes do significado (que são nos contrastes), a partir desta análise são elaboradas questões para que os resultados sejam validados.

Já na análise dos temas, as conceituações que ligam os domínios oferecem uma visão holística da cultura em estudo e a referência de uma ideia em mais de um domínio sugere a possibilidade de se tratar de um tema cultural.

Para que um estudo possa ser considerado etnográfico é necessário seguir alguns critérios, segundo Ludke e André (1986) “basta verificar se a pessoa que lê esse estudo consegue interpretar aquilo que ocorre no grupo estudado tão apropriadamente como se fosse um membro deste grupo”. Os mesmos autores discorrem sobre os fundamentos dessa pesquisa:

“1) o problema é redescoberto no campo e, assim, o etnógrafo deve evitar definições rígidas e apriorística de hipótese, pois, ao mergulhar na situação, o problema inicial da pesquisa deverá ser revisto e aprimorado;

2) o pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente, pois a experiência direta com a situação em estudo permite um contato íntimo e pessoal com a realidade estudada;

- 3) o trabalho de campo deve permitir uma longa imersão na realidade para entender as regras, costumes e convenções que governam a vida do grupo estudado;
- 4) o pesquisador deve ter tido uma experiência com outros povos de outras culturas, pois o contraste com outras culturas ajuda a entender melhor o sentido que o grupo estudado atribui às suas experiências;
- 5) a abordagem etnográfica combina vários métodos de coleta, sendo que os principais são: observação participante e entrevista com informantes. Entretanto, além destes, outros métodos podem ser usados, como os levantamentos, as histórias de vida, a análise de documentos, testes psicológicos, videotypes, fotografias e outros;
- 6) o relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários, que permitem, além de descrições precisas da situação estudada, ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.”.

Então, podemos entender que, essa prática de pesquisa possui métodos promissores em conjunto das bases teóricas e éticas e é importante quando falamos em significados locais de um grupo ou comunidade já que permite que o pesquisador compreenda sua realidade a partir do ponto de vista dos indivíduos, por isso vem ganhando cada vez mais espaço no campo psicossociológico.

O hip hop é um movimento onde existem várias correntes, linhas e ênfases, o que o torna diferente em cada país, cidade, bairro e estilo, uma vez que está inserido em culturas diferentes.

A sociedade Novaes (2009), aborda aspectos relevantes para o estudo dos movimentos sociais. O hip hop é considerado um movimento social juvenil que aborda os confrontos entre as classes sociais e a luta social que pode ser instaurada a partir da identidade.

Para Melucci (2001), o hip hop possibilita o compartilhamento de valores e princípios que definem a cultura política e orienta a ação. Os princípios que orientam o hip-hop são considerados comuns ao campo dos movimentos sociais onde esse movimento busca a paz, união, solidariedade, liberdade, justiça e igualdade. Esses pontos são fundamentais para uma sociedade igualitária independente da sua cultura.

O desafio que é abordado no artigo refere-se ao reconhecimento das condições da luta política no sistema capitalista que exige para o hip-hop, a criação de um ambiente de força política que busca problematizar as desigualdades e lutar pela redistribuição.

Um ponto importante abordado no artigo refere-se a Associação que dialoga com o poder público com pautas ligadas ao fortalecimento do movimento do hip-hop, que possa garantir espaços de expressão e engajar programas e projetos que são do próprio poder público. Também é citado sobre a Rede de Resistência Solidária, que busca a mobilidade e intervenção dos jovens em suas comunidades, ao mesmo tempo que busca a adesão de outros jovens e adolescentes ao movimento do hip-hop.

O campo ético-político que circula no movimento hip-hop adota como princípios: liberdade, justiça, igualdade, paz, unidade, respeito e diversão, dentre outros. Isso posiciona o

movimento socialmente, ajudando na luta de outros movimentos sociais à medida que o movimento negocia e tensiona aspectos ligados a outros valores sociais alinhados ao sistema.

Ao mostrar que a maioria da população negra ocupa as favelas e o recorte jovem dessa população aparece nas estatísticas de mortalidade, uma vez que os jovens negros e pardos são as maiores vítimas de homicídio (Waiselfisz, 2011).

No caso dos jovens participantes do movimento hip-hop, o engajamento está associado às mudanças em suas vidas, muitos relatam seu envolvimento com a produção de alternativas aos problemas da comunidade em que vivem.

Como cidadãos ativos, os jovens dizem ser apoiadores em transformações em suas comunidades, no entanto, essa transformação precisa de apoio efetivo dos demais, eles afirmam que prevalece uma percepção negativa sobre a juventude apesar dos avanços.

Por meio de projetos desenvolvidos pela prefeitura e pelo governo do Estado, como o Escola Aberta. A escola pode acolher o hip-hop e incentivar as culturas juvenis no contexto escolar e contribuir para a manutenção dos jovens em espaço educativo.

O último elemento do sistema citado no artigo refere-se ao movimento hip-hop e o poder público. O movimento tem apresentado diferentes posições e modos de se relacionar com o governo. O reconhecimento do hip-hop como cenário em que ocorrem significativas práticas políticas leva a considerar as repercussões da ausência de sua participação nos espaços institucionais.

A globalização visibiliza a produção social de cultura e possibilita sua maior circulação, de modo que inflexiona as identidades pessoais e coletivas e as esferas públicas e privadas da existência.

Portanto, o artigo pauta as dificuldades que o movimento passa, levando em conta o preconceito e a desigualdade das minorias e também trata da visibilidade aos diferentes posicionamentos e controvérsias dos jovens em relação à sociedade e sua ação coletiva de inclusão que é capaz de ser criativa, estimulante, vibrante e contagiosa.

Sua prática junto aos jovens pobres é atualmente o elemento relevante na composição dessa identidade coletiva que o hip-hop trás, o que frequentemente coloca tais movimentos num campo de conflito e de antagonismos em relação à indústria cultural e ao sistema capitalista.

## RESULTADOS

A pesquisa revelou que o movimento hip-hop em Recife apresenta uma organização heterogênea, composta por associações que dialogam com o poder público, redes autônomas e crews de base comunitária, refletindo diferentes posicionamentos políticos e culturais. Os jovens envolvidos, majoritariamente periféricos e afrodescendentes, utilizam o hip-hop como espaço de resistência, construção identitária e crítica social. Foram identificados três principais conflitos: a exclusão da juventude pobre na sociedade de consumo, a tensão com a mídia e indústria cultural, e o enfrentamento ao racismo. A participação no movimento promove transformações subjetivas importantes, como empoderamento, fortalecimento da autoestima e desenvolvimento de uma consciência crítica. Redes de apoio social e comunitário também se mostraram essenciais para o engajamento dos jovens. Apesar de seu potencial transformador, o movimento enfrenta desafios como a fragmentação interna, a dificuldade de manutenção de projetos políticos duradouros e o risco de esvaziamento de seus princípios pela indústria cultural. Ainda assim, o hip-hop se mostra um potente espaço de cidadania, pertencimento e expressão das juventudes periféricas.

## REFERÊNCIAS

MENEZES, Jaileila Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues. Posicionamentos e controvérsias no movimento hip-hop. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, n. 2, p. 389–396, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/xZcGwP3MbfsjFRgPCKczXLJ/>. Acesso em: 18 out. 2025.

MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues. Desafios para a pesquisa: o campo-tema movimento hip-hop. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 457–465, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KM4BYKffJvQQNfNbJgQrvYp/?format=html&lang=p>. Acesso em: 18 out. 2025.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Psicologia Social e Etnografia: histórico e possibilidades de contato. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 389–405, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PCcWHw74QX6myXSQ9pdV4rs/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.